O Mundo em Português Nº6
Março 2000

As duas faces de Janus

Luís Filipe Lobo-Fernandes

Seattle mostrou que são muitos os que temem o cenário negro da globalização. Mas os seus defensores acreditam na promessa de prosperidade para todos e na emergência de uma sociedade civil global mais activa e mais solidária.

A globalização pode ser uma oportunidade de multilateralização de soluções, de procura de consensos mais úteis.

Os protestos e incidentes que marcaram a primeira reunião da Ronda do Milénio sobre as negociações multilaterais de comércio, em Seattle, relembram-nos a imagem do deus romano Janus com duas faces, uma olhando para diante e outra para trás. Uma face promete prosperidade económica, liberdade política e diversidade cultural enquanto a outra parece indicar insegurança económica, instabilidade política e decadência cultural.

A promessa de prosperidade global baseia-se num argumento liberal das relações internacionais, estruturado numa ideia de mudança pacífica e harmonia potencial, enfim, num jogo de soma positiva, simbolizada já no consenso de Bretton Woods. Contudo, ninguém pode garantir que as coisas se passarão exactamente assim. Tal dilema reclama, pois, uma avaliação mais criteriosa do processo de globalização.

Talvez seja útil pensar a globalização ao longo das escalas de intensidade e de amplitude das interacções internacionais. No primeiro sentido, ela sugere abertura, interdependência, multilateralismo, interconexão e integração. Por sua vez, a amplitude referir-se-ia à irradiação geográfica destas tendências, sendo sinónimo de universalização e homogeneidade. Mas, o que sobretudo distingue hoje a globalização é que ela não é condicionada por esferas de influência, barreiras territoriais ou jurídicas. Como refere James Rosenau, é "boundary-eroding", isto é, provoca uma erosão transversal das fronteiras. A convergência do computador com o satélite talvez seja o seu mais forte indicador.

Os realistas, tradicionalmente mais cépticos nestas questões da política internacional, consideram que pelo facto das relações internacionais serem muito fragmentadas e da natureza humana ser, na sua concepção, fixa, a globalização não trará uma alteração significativa dos dados estruturais. Primeiro, mesmo que a globalização, de cariz neoliberal, seja hoje preponderante, essa preponderância é temporária; segundo, o facto do globalismo esbater as alternativas políticas não pode ser traduzido como o fim dos problemas. Bem pelo contrário, a globalização é uma espécie de intrusa que pode constituir-se numa base para novos medos, seja pelo lado da perda de emprego, seja pelo lado dos costumes.

Para alguns, o colapso da União Soviética teria consagrado o início de uma nova era nas relações internacionais. A referência é, contudo, como sabemos, mais uma questão de convicção do que de análise. Em rigor, segundo os realistas, o colapso do império envolve sobretudo o triunfo do nacionalismo. O nacionalismo étnico, talvez o principal sub-produto da fragmentação da antiga URSS, é um fenómeno volúvel. Esta inconstância do nacionalismo é terra fértil para novos totalitarismos. Ora, para os realistas, o movimento da globalização que apartou as dinâmicas geoestratégicas das dinâmicas geoeconómicas pode ser facilmente revertido pelo lado dos nacionalismos e da etnicidade.

Para outros críticos, as dinâmicas da globalização, precisamente por sugerirem integração à escala mundial, enunciam também uma maior centralização favorável às economias dominantes. Neste contexto, com o desaparecimento do segundo mundo e a pulverização do terceiro, a globalização tende a sublinhar o agravamento das assimetrias existentes entre ricos e pobres. O raciocínio é simples: num mundo mais aberto a divisão do trabalho é, a fortiori, favorável aos países ricos.
Este cenário negro da globalização é compensado por uma visão mais benigna que sublinha o movimento de integração internacional favorável à emergência de uma sociedade civil global mais activa e mais solidária. É, em especial, a alusão à rede societal dos povos e cidadãos menos marcados pelas divisões territoriais, rácicas ou étnicas, que se materializa na comunidade crescente de entidades não-governamentais. O principal problema estaria no facto de tal comunidade ser ainda bastante heterogénea e não ter um centro de articulação autónomo.

Esta visão postula a necessidade de maior coesão social e económica à escala global contrapondo as políticas integradoras às ameaças proteccionistas, nacionalistas ou xenófobas. Neste sentido, a globalização pode ser uma oportunidade de multilateralização de soluções, de procura de consensos mais úteis e de uma maior distribuição de poder no sistema internacional, baseada na partilha de uma "economia do conhecimento".

É, assim, hoje claro que só tendo em conta os desafios tremendos impostos pela globalização poderemos transformar a tendência numa situação vantajosa para todos. Convém não esquecer, em todo o caso, que sempre vale mais negociar em Seattle do que impor um ponto de vista. Seja de quem for.